

APRENDIZAGEM

Aprendizagem é o processo pelo qual e através do qual ocorre a aquisição de conhecimentos pelo sujeito/indivíduo. A aprendizagem pode ser de natureza teórica ou prática, ainda que em toda prática há uma teoria que a embasa e em toda teoria uma prática individual ou coletiva.

Embora a aprendizagem seja uma *praxis* social (*praxis*= teoria \Leftrightarrow prática) que se dá em situações de relações sociais e culturais no tempo e no espaço, isto não significa que ela não ocorra em ocasiões particulares onde o indivíduo/sujeito cria estratégias para conhecer e/ou solucionar problemas que lhe dizem respeito, como é o caso do autodidata. O autodidata é aquele sujeito que aprende “sozinho” a enfrentar e resolver uma situação-problema ou simplesmente estudar uma teoria de seu interesse, “adquirir cultura” através de várias fontes como livros, revistas, filmes, etc. Mas note: mesmo o autodidata, que é aquele sujeito que aprende sozinho, não está só. Ele está inserido e envolvido com outros sujeitos, ainda que estes últimos não estejam fisicamente presentes.

Por outro lado, a aprendizagem é um conceito que não se realiza sem o concurso de um objetivo a ser alcançado, pois ela pressupõe sentidos e significados sociais e culturais, além do despertar da curiosidade e determinação para aprender do indivíduo/sujeito.

É interessante constatar que há níveis diferentes de aprendizagens, os quais podem ser observados desde os animais superiores e a *fortiori* (= com maior razão, principalmente) no ser humano. No limite, mesmo um protozoário aprende se considerarmos a variável “estratégia”. Mas este é um outro debate. Vamos manter o foco da questão da aprendizagem somente no nível humano.

Como vimos, no nível humano a aprendizagem é eminentemente um processo sócio-cultural-histórico e que ocorre no tempo e no espaço. Pressupõe sentidos e significados e o despertar da curiosidade. Mesmo em nível do homo sapiens-sapiens-demens, a aprendizagem possui níveis. Por exemplo: para que eu aprenda a fazer um bom churrasco é necessário que a minha curiosidade seja despertada e para que essa curiosidade ser despertada em preciso “vêr” nela um sentido aplicativo, prático no âmbito de uma cultura específica (carnívora, com simbolismos agremiativos, pois o churrasco possui um significado gregário, etc.). Mas eu posso saborear um bom churrasco mesmo de pé. Outros, preferirão sentar-se à mesa com toalha posta, um serviço completo, como nos restaurantes. Ora, segurar corretamente o garfo é um aprendizado que possui um sentido e um significado que eu posso aprender sem que a menor curiosidade para tal. Ou seja, há níveis de aprendizagens que eu adquiro saberes mesmo sem que a curiosidade seja despertada, pois é um expediente sócio-cultural que eu realizo pelo exemplo, pela observação, pela cópia, pela mera imitação.

Quando pensamos a aprendizagem como um processo educacional inserido nas instituições de ensino, ou seja, enquanto processo formal, raramente observamos o caráter prático e teórico como uma unidade, como *praxis*. Por incrível que pareça, ainda persiste uma profunda separação (que também podemos denominar de divisão/fragmentação) entre o saber teórico e o saber prático. Com raras e honrosas exceções, educadores conscientes de que o conhecimento comporta distinções mas não divisões, esforçam-se para construir um processo de aprendizagem considerando uma totalidade ativa. Notadamente em relação ao conhecimento, que é o foco material da aprendizagem, verificamos que ele ainda é tributário de uma cultura histórica que remonta à origem do pensamento ocidental, cuja característica predominante é a super-estimação da teoria sobre a prática. Mas foi o ideal cartesiano de separação/divisão radical entre o pensamento (a razão, a *res-cogitans*= coisa pensante) e a ação/corpo/experiência (a *res-extensa*= a extensão, a natureza)

quem inauturou, já no século XVII, um grande abismo entre a teoria e a prática, entre o pensamento e a ação como algo distinto e incomunicáveis.

O nosso modelo de percepção da organização da realidade e sua inserção nas práticas educativas/pedagógicas no interior das instituições escolares ainda convergem sobremodo para aquela característica cultural do modo de ser e de aprender. Os currículos dos cursos humanistas enfatizam demasiadamente o estudo teórico da realidade, enquanto os currículos dos cursos técnicos, por exemplo, muito pouco se preocupam com as questões humanistas. Quer dizer, a formação científica e técnica ficou com a responsabilidade de conhecer a natureza física da realidade, enquanto a formação humanista tomou para si a incumbência de estudar somente os elementos consagrados aos aspectos éticos, lógicos, sociológicos, históricos, jurídicos, etc., ou seja, com a responsabilidade de estudar a natureza pensante do ser humano. A cristalização histórica desse mosaico dividido e não comunicante entre si é objeto de crítica e um repensar urgente nos dias atuais. Daí que muitos teóricos da aprendizagem procuram demover o grande abismo ainda existente entre a teoria e a prática no processo do conhecimento institucional e, naturalmente, no reino do imaginário social. Assim, desde o escolanovismo do início do século XX até Paulo Freire (1921-1997) a ênfase da aprendizagem tem sido a de priorizar a experiência de vida dos educandos (seu mundo vivido, suas relações/situações concretas de vida, seus saberes culturais específicos, suas percepções sobre a realidade) e o sentido último que aquela experiência tem para eles. Nesse sentido, os educandos passam a ser também educadores coadjuvantes no processo de ensino-aprendizagem, pois são reconhecidos como sujeitos, como pares dialógicos da aprendizagem.

Por último, basta lembrar sempre que a aprendizagem não é sinônimo de informação, embora pressuponha informação. Isto porque a aprendizagem, no sentido radical do termo, é sobretudo um perceber que transforma o sujeito que aprende. A informação pura e simplesmente veiculada pelos mais diferentes expedientes não possui a virtude de por si só transformar o sujeito. *Trans-formação* sugere que as dimensões de realidade teórico-práticas se manifestem como conquistas conscientes que proporcionam a autonomia crítica do sujeito aprendente. E isso nos remete à ética, dado que a *práxis* imanente à unidade do conhecimento oriundo da aprendizagem epistemologicamente curiosa e significativa dissolve a separação incomunicável entre a teoria e a prática e nos permite compreender melhor os caminhos já caminhados e os que ainda estão por caminhar.

Humberto Calloni

Bibliografia

CUSTÓDIO, José de Arimatéia Cordeiro. Educação? Este é um trabalho para o Super Homem. Londrina: UEL, 1999.

DEMO, Pedro. Desafios modernos da educação. 3.ed. Petrópolis/RJ:Vozes, 1995.

DEMO, Pedro. Complexidade e Aprendizagem: a dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

FERREIRA, Amauri Carlos. A morada do educador: ética e cidadania. Educação em Revista . FAE/UFMG, Belo Horizonte: FaE/UFMG, N.43, jun.2006.

NIDELCOFF, Maria Teresa. A escola e a compreensão da realidade. 13.ed. São Paulo:Brasiliense, 1986.